

Crescimento urbano na região de Feira de Sant'Ana: o exemplo de S. Estêvão

Este estudo não pretende ser exaustivo mas quer esclarecer alguns aspectos da vida de uma pequena cidade do Interior baiano e das relações que existem entre ela e o centro funcional da região onde se encontra. Feira de Sant'Ana, estrategicamente bem localizada no entroncamento das principais estradas do Estado, é um centro regional cuja influência está crescendo. Dentro desta região, por vários motivos ainda em via de formação, S. Estêvão poderá desempenhar no futuro um papel maior. Por isso decidimos dar mais destaque neste trabalho

aos aspectos urbanos e de relação regional.

Com mais de 4.000 habitantes, S. Estêvão é uma das maiores aglomerações da micro-região de Feira de Sant'Ana, assim como foi delimitada pelo IBGE/CNG. Se a pecuária, que ocupava 48,9% das terras do município em 1960, é a atividade principal, a localização do município numa zona de transição entre os grandes domínios morfoclimáticos do Sertão semi-árido e do litoral mais úmido permite à agricultura se desenvolver.

Dentro do conjunto da micro-região, S. Estêvão é o município que mostra o maior percentual das terras utilizadas pela lavoura: 0,4% e 11,2% das terras são respectivamente utilizadas pelas lavouras permanentes e temporárias. Este segundo percentual só é ultrapassado por Irará (12,2%). As lavouras são essencialmente o feijão, a mandioca, o milho, o amendoim, bem como a batata doce, o tomate e a banana. Outra produção importante da zona rural é o fumo de corda, que sempre esteve em destaque na economia do município.

Domina a propriedade privada (99,6% dos estabelecimentos e 99,5% das terras) e as formas de exploração direta (94,6% dos estabelecimentos e 71,5% das terras; as propriedades com administradores representam 5,1% dos estabelecimentos e 28,1% da área).

O censo de 1960 mostra ainda que, se as propriedades muito pequenas são poucas (3,5% dos estabelecimentos e 0,2% da área) se entram na categoria de menos de 1ha, dominam as pequenas (2 a 10ha: 51,3% dos estabelecimentos e 13,1% da área) e médias propriedades (10 a 25ha: 29,7% dos estabelecimentos e 30,7% da área), enquanto que as propriedades superiores a 100ha representam apenas 2,6% dos estabelecimentos nos 36,7% da área.

Generalizando um pouco, pode-se considerar que S. Estêvão pertence ao grupo de municípios de

transição entre os tabuleiros e o litoral. Isto se traduz por uma diminuição relativa da importância da pecuária nas atividades (o que é ainda mais nítido em S. Estêvão depois da emancipação do distrito de Ipacaetá — ex-Patos — onde são mais importantes as atividades criadoras) e o aumento das lavouras, sobretudo caracterizadas pela produção de feijão, milho e fumo de corda.

Uma parte ainda importante da população de S. Estêvão trabalha no campo, se bem que a proximidade de Feira de Sant'Ana venha perturbar este quadro tradicional. Além do mais, a crise intermitente da lavoura fumageira contribuiu para o desaparecimento dos armazéns da cidade. Contudo o município continua a ser um produtor importante.

Mas são os aspectos das funções, atividades e população da cidade que permitem melhor encarar o problema das relações com Feira de Sant'Ana.

I — TENTATIVA DE DEFINIÇÃO DA CIDADE

S. Estêvão, a despeito ou por causa de sua proximidade com Feira de Sant'Ana, conheceu um crescimento importante no decorrer dos últimos anos. Entretanto, das atividades da cidade, apenas o comércio parece ter uma certa importância, e de suas funções só o ensino parece desempenhar um papel de atração. Nestas condições é um pouco exagerado falar

de "cidade" no sentido comum do termo. Parece, entretanto, que S. Estêvão não é mais uma aglomeração puramente agrícola. Precisar-se-ia encontrar um termo para denominar esta situação intermediária entre a aglomeração rural e a pequena cidade.

S. Estêvão começou a se desenvolver desde a segunda metade do Século XVIII em volta de uma capela e de currais, no vale do Rio Paraguaçu. Em 1827, a vila já possuía 300 casas e 376 eleitores. Emancipada do município de Cachoeira, ela foi elevada à categoria de cidade-sede do município em 1921.

Os resultados do último recenseamento (1960) fazem de S. Estê-

vão a quarta cidade da micro-região homogênea de Feira de Sant'Ana. Depois da Capital, que concentrava 54,8% da população urbana da micro-região, encontramos Castro Alves (6,6%), Ipirá (3,4%) Iaçú e S. Estêvão (cada um com 2,7%); excetuando-se Irará (2,1%), as outras cidades possuem cada uma menos de 2% do total da população urbana.

Este critério da relação da população urbana, que vale o que valem as estatísticas, é completado pela constatação de que S. Estêvão é uma das cidades que conheceram um crescimento dos mais rápidos da micro-região, no decorrer dos últimos vinte anos.

Tabela n.º 1 — Evolução da População Urbana das Principais Cidades da Micro-Região de Feira de Sant'Ana

	1940	1950	Cresc. 1940/50	1960	Cresc. 1950/60	1966
Castro Alves	7268	6479	10.11	6898	6.46	9702
Ipirá	1438	2232	55.21	3221	71.19	5000
Irará	1534	1574	3.28	2366	50.91	3119
Iaçú	578	917	58.65	3039	231.40	3991
Feira de Sant'Ana	14191	26559	87.94	56833	119.98	0911
Santo Estêvão	1044	1487	37.64	5059	112.82	4017

Estes diferentes ritmos de crescimento se explicam em grande parte pela localização das cidades em relação aos grandes eixos de comunicação. Deste ponto-de-vista, S. Estêvão seria a melhor colo-

cada no conjunto. Mas é igualmente a cidade mais próxima de Feira de Sant'Ana, a 34km de boa estrada (mais de 2km sem asfalto, do desvio), o que não é um fator muito favorável ao exercício de

um papel regional. Haveria aí uma espécie de contradição com o importante crescimento da população urbana no decorrer dos últimos anos. Entretanto, este problema parece geral para o Estado todo. A evolução da situação agrícola e o estudo das migrações permitirão dar elementos de explicação.

Na verdade, as funções da cidade, tais como sugere o recenseamento de 1960, são das mais limitadas.

Em 1960, o município de S. Estêvão (compreendendo aí as vilas de Ipecaetá e Cavunge, depois desmembradas) contava com 236 casas comerciais de varejo (8,5% do total da micro-região) e 20 grossistas (10,4% do total). A cidade está ausente no cadastro industrial de 1966/67, e em 1964 oferecia à população de seu município 5,1% dos estabelecimentos escolares da micro-região.

II — FUNÇÕES E ATIVIDADES URBANAS

1.º) AS FUNÇÕES COMERCIAIS

O funcionamento do comércio justifica o emprêgo do plural e é conveniente tratar separadamente a feira e o comércio propriamente dito. Não se pode mais fazer um estudo regional, principalmente de uma região ainda essencialmente agrícola, sem ver em detalhe o funcionamento destas duas formas de comércio e as relações que elas mantêm entre si e com as outras regiões ou outras cidades.

a) A feira

Todos os sábados, das 8 da manhã às 15 da tarde aproximadamente, a praça principal da cidade é ocupada por uma feira cuja dimensão parece exagerada em relação ao tamanho do núcleo urbano. Uma contagem tão sistemática quanto possível deu um total de 550 feirantes, provavelmente subestimada; 39,2% deles eram vendedores de diversos tipos de produtos alimentícios, 5,7% de animais vivos de pequeno porte, 42% de produtos não alimentícios (33,3% de produtos manufaturados). A amostragem (100 questionários) foi preparada a partir desta contagem, seguindo a mesma repartição por categoria de produtos vendidos.

Assim, praticamente todos os tipos de produtos são encontrados na feira, que aparece como uma espécie de sub-retalista do comércio a retalho.

Esta repartição não é rara, mas não é o caso geral, nas feiras do Recôncavo baiano. Entretanto, a qualidade dos produtos manufaturados vendidos na feira é muitas vezes medíocre.

A área de drenagem dos vendedores é muito reduzida. Apenas cinco municípios aparecem na sondagem. Ao contrário, esta área é consideravelmente maior se se levar em consideração os caminhões presentes na praça no dia da feira. A maior quantidade deles, 8, eram emplacados em Feira de Sant'Ana. Vindo em seguida os municípios de Ipecaetá com 4, S. Teresinha, Lamarão e Conceição

de Feira com 3 cada um, S. Estêvão e Sapeaçu com 2 cada um. Os municípios de A. Cardoso, Castro Alves e Cruz das Almas eram também representados por um cami-

nhão. Assim, o movimento real que a feira provoca em direção da cidade é muito mais amplo do que mostra a simples relação dos vendedores.

Tabela n.º 2 — Número de Feirantes Segundo o Tipo de Produtos Vendidos e o Município de Residência

	Santo Estêvão	Feira de Sant'Ana	Ipacaetá	Tanquinho	Cruz das Almas
Produtos aliment.	29	4	6	4	8
o/o	51,8	14,8	60,0	100,0	100,0
Produtos não alim.	18	28	4		
o/o	28,2	85,2	40,0		
Serviços*	14				
o/o	25,0				
Total	56	27	10	4	8
o/o	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* Barracas de merenda e "tira-gôsto".

Os feirantes de S. Estêvão dominam a venda dos produtos alimentícios, deixando para Feira de Sant'Ana o monopólio dos produtos manufaturados. A percentagem dos feirantes residentes dentro do próprio município é baixa, confirmando assim o que foi dito sobre o tipo de feira. 35% dos feirantes vêm de uma zona considerada como urbana (e 68,6% dentre êles de Feira de Sant'Ana). 71% dos que vêm do campo residem no município de S. Estêvão. O meio de locomoção mais frequente utilizado para ir à feira é

o caminhão, onde são transportados, juntos, produtos, feirantes e compradores.

Apenas 20,5% dos produtos encontrados na feira são vendidos por seus próprios produtores. O restante foi comprado, ou no comércio a retalho a varejo de S. Estêvão ou, sobretudo, nas casas comerciais de Feira de Sant'Ana.

A própria feira abastece certos feirantes, principalmente em feijão, farinha de mandioca e fumo. Estes produtos são em parte vendidos por quem os trouxe, mas também revendidos depois de te-

Tabela n.º 3 – Lugar onde os Produtos, Vendidos na Feira de S. Estêvão, Foram Comprados

	S. Estêvão	F. de Sant'Ana	Salvador	São Felipe	Tanquinho	Serrinha	Ipirá	Cruz das Almas	Estados do Ne.	Total
Produção aliment.	56,1	26,8	5,3	5,3	5,8	0	0	1,7	0	49,1
Produção manufat.	27,1	61,0	1,7	0	0	3,4	3,4	0	2,4	50,9
Total: %	41,4	43,9	3,4	2,6	2,6	1,7	1,4	0,9	1,8	100,0

rem sido comprados na própria feira, logo no início. O mesmo mecanismo funciona, mas numa escala mais reduzida e de maneira mais discreta, para os legumes e ovos. Estes últimos são objeto de uma forma de “especulação”. Eles são trazidos muito cedo, pela manhã, em grandes câstos e logo comprados seja por revendedores de S. Estêvão seja, principalmente, por comerciantes de Feira de Sant'Ana e, às vèzes, de Salvador.

O preço pago é pelo menos inferior a um têtço do preço de venda em Salvador (a diferença pode atingir a 50%). Duas ou três horas depois só se encontram ovos chegados mais tarde, em pequena quantidade, e os que os “revendedores” propõem discretamente (trata-se de não pagar a taxa) a um preço sensivelmente superior ao pago mais cedo. A venda de aves se faz igualmente, na maioria das vèzes, às “escondidas”, da mesma maneira.

Tabela n.º 4 – Local de Produção das Mercadorias Vendidas na Feira de S. Estêvão (%)

	S. Estêvão	Feira	São Paulo	Paraná	R. G. Sul	Per-namb.	C. das Almas	Irecê	Itabera	R. Barbosa	Atagoi-nhas
Produção alim.	55,6	7,4	1,2	1,2	7,4		2,5	2,5			1,2
Produção não alim.	15,4	18,5	35,4			4,6			4,6		
Total	37,7	12,3	16,4	0,7	4,1	2,1	1,3	1,3	2,1	2,1	0,7

Tabela n.º 4 (Continuação)

	S. F. do Conde	Maragõipe	Tanquinho	Ipacaetá	Jaguara	Serra Preta	Sem indicação
P. alimentar	3,7		3,7	7,4	2,5	1,2	2,5
P. não alim.		1,5					15,4
Total	2,1	9,7	2,1	4,1	1,3	0,7	8,2

O lugar de produção do que é vendido no mercado põe em evidência o papel de intermediário que desempenha Feira de Sant'Ana para a venda dos produtos manufaturados.

Os municípios de origem dos feirantes produziram apenas 57,5% do total dos produtos vendidos, dos quais apenas 7,5% fora de S. Estêvão e Feira de Sant'Ana. Os outros Estados do Brasil intervêm com 23,3%, dos quais 21,2% para os Estados do Sul, e 16,4% só para S. Paulo. Salvador está ausente deste quadro.

S. Estêvão fornece principalmente frutas, legumes (sem ter entretanto a exclusividade) e animais vivos: porcos, carneiros e aves. Os últimos nunca são vendidos por feirantes "regulares", mas por agricultores, que levados pela necessidade, vão vender alguns animais para conseguir dinheiro. Ainda que a região seja produtora de fumo, este vem dos "armazéns" de Feira de Sant'Ana. Dá-se o mesmo com o feijão e o milho. Neste úl-

timo caso é o atraso da colheita o responsável. Algumas semanas mais tarde, no decorrer de outras enquetes feitas em outras feiras (principalmente S. Antônio de Jesus), a região de S. Estêvão aparece com uma certa frequência como local de produção do feijão encontrado. A farinha de mandioca, ao contrário, é de origem local.

Os comentários sobre a venda de ovos já mostraram um outro aspecto da feira de S. Estêvão. Ela recebe e comercializa produtos vindos de outras regiões. Mas funciona também, de maneira discreta, como local de compra de produtos que serão revendidos em outras feiras.

É, principalmente, o caso dos legumes, da carne e de outros produtos de origem animal. Os clientes vêm de Feira de Sant'Ana na maioria das vezes, e os produtos comprados em S. Estêvão, aos sábados, são encontrados na segunda-feira, na feira de Feira de Sant'Ana. Alguns feirantes de Feira vêm unicamente comprar

os produtos e retornam imediatamente, enquanto outros vendem produtos manufaturados em S. Estêvão e aí compram legumes ou carne para revender mais adiante. Outra categoria de clientes: os habitantes de Feira de Sant'Ana que aproveitam das facilidades de relações e de preços mais baixos para fazerem suas compras semanais. Enfim, certas casas comerciais de S. Estêvão, as quitandas, são igualmente clientes da feira.

Este aspecto "grossista" da feira de S. Estêvão é, no entanto, muito inferior à simples venda a retalho.

A feira mostra também, com as migrações, que os aspectos ligados à vida rural predominam nitida-

mente. A estrutura e o funcionamento da feira não foram ainda sensivelmente modificados pelo crescimento da cidade, nem pela proximidade de Feira de Sant'Ana. A influência desta última é portanto muito sensível. Esta preponderância vai aparecer de maneira mais nítida quando levamos em consideração o comércio "fixo" propriamente dito.

b) O comércio

Foi estudado a partir da aplicação de questionários nos 30 principais estabelecimentos comerciais da cidade e da análise das informações, muito parciais, fornecidas pela coletoria dos impostos sobre as mercadorias.

Tabela n. 5 — Ano da Abertura e Encerramento das Casas Registradas na Coletoria de S. Estêvão — agosto de 1968

	Sem ind.	Ano da abertura										Sem ind.	Encerramento			
		57	59	61	63	64	65	66	67	68	Tot.		62	64	65	66
P. alimentar	5				3		1	1	4		14	19			5	1
P. não aliment.	9			1		1	3	3	2		19	4		2		1
Agen. de c. de fumo	1	1	1								3	6				
Bar restaurant.	3				1	1				2	7	5				
Artesanato					1	1			2		4					
Vend. ambulante													1		1	
Terraplanagem												4				
Depósito									1		1					
Comp. de p. alimt.									2		2					
Sem indicação											1	2				
Total	19	1	1	1	5	3	4	4	11	2	51	44	1	2	6	2

Observa-se a diminuição muito sensível do número de agências de compra de fumo. Desde alguns anos estas agências tendem a se deslocar para Feira de Sant'Ana, e concorrem com as de Cruz das Almas. Os comércios especializados na venda de cereais e de feculentos desapareceram igualmente, assim como os vendedores ambulantes. Esta evolução está ligada à melhoria da rede rodoviária que permite ao comércio de Feira se impor na região. Ao contrário, o comércio de benfeitoria dos produtos manufaturados e os "serviços" (bar e restaurante) conheceram uma evolução positiva.

É preciso observar, aí também, a influência do desenvolvimento

da rede rodoviária no município e em relação com as outras cidades, bem como o aumento da população urbana.

Os estabelecimentos visitados funcionam como retalhistas, se bem que dois grandes "bazares" e uma quinilharia vendem às vezes a comerciantes menores, e poderiam, a rigor, ser considerados como uma espécie de semigrossistas. Uma pequena fábrica de móveis é um caso intermediário entre o artesanato e o comércio.

A maioria dos proprietários é oriunda de S. Estêvão ou aí vive há muitos anos. 12 entre eles têm uma atividade complementar que é 8 vezes a exploração de uma propriedade agrícola.

Tabela n. 6 — Local e Forma de Compra dos Produtos Vendidos pelo Comércio de S. Estêvão — (Número de vezes que os produtos são citados)

Local de compra		Forma de compra							
		Grossista	1/2 grossista	Detalhe	Produtor	Representante	Caminhão	Feira	Depósito
Feira	alimt.	21							
	manuf.	5			2	2			
Salvador	alimt.	4			2		2		2
	manuf.	4			1	3			5
S. Estêvão	alimt.		18	3	4	3		9	
	manuf.		3		1*		1	2	
São Paulo	alimt.					8			
	manuf.								
Total	alimt.	25	18	3	6	3	2	9	2
	manuf.	9	3		4	3	1	2	5

* Móveis

As compras feitas na feira e nos bazares semigrossistas (pelas quitandas e bares) explicam a importância do papel desempenhado por S. Estêvão como local de compras dos produtos encontrados em seu comércio.

Feira de Sant'Ana intervém sobretudo por seu comércio grossista, enquanto que o papel de intermediário de Salvador parece maior (depósitos e representantes do comércio fazem aí mais de 40% do total). Apreciável também é a importância das encomendas feitas diretamente a São Paulo.

Quando as compras são feitas em Feira de Sant'Ana, é muitas

vêzes o comerciante de S. Estêvão quem vai procurar os produtos ou quem contrata a companhia de transportes. Em outros casos, é a firma produtora que se encarrega dessas operações.

A participação dos Estados do Sul, já importantes como local de venda, torna-se preponderante como local de produção, 57,4% das mercadorias sendo originárias de lá. Como sempre, São Paulo é o maior produtor (34,3%), seguido por Rio de Janeiro (8,6%) — Os Estados do Nordeste, Pernambuco e Alagoas, só contribuíram com 2,8% do total dos produtos.

Tabela n.º 7 — Local de Produção %

	S. Estê- vão	Feira de Sant'Ana	Salvador	Bahia	Est. do sul do Brasil	Est. do Nordeste	S/indic.
Alimentar	22,2	7,9	12,7	3,2	38,1	4,8	11,1
Manufat.	2,4	9,5	11,9	2,4	71,4	0	2,4
Total	14,3	8,6	12,4	2,8	51,6	2,8	7,7

Os produtos que vêm de S. Estêvão e são colocados na categoria "não alimentar" são de origem artesanal. Salvador ocupa uma posição mais relevante do que como local de compra, e passa à frente de Feira de Sant'Ana.

Ainda mais do que a feira, o comércio mostra as relações de dependência que existem entre S. Estêvão e Feira de Sant'Ana. O primeiro é apenas uma projeção da

segunda. Mas esta impressão deve ser atenuada, pois os pedidos e as compras feitas no Sul da Federação, sem passar por Feira de Sant'Ana e Salvador, são importantes.

De qualquer forma que se ponham os problemas, não se poderá separá-los de Feira de Sant'Ana. Se, por suas atividades, a cidade continua ligada ao campo, sua vida urbana é voltada para a Capital do sertão.

2.º) AS OUTRAS ATIVIDADES

Na realidade, a cidade não tem "outras atividades urbanas" depois do fechamento dos armazéns de fumo. A população se ocupa na lavoura ou em pequenas atividades intermediárias, entre o que é realmente considerado como o "setor terciário" e o artesanato. O estudo das migrações forneceu também indicações sobre as atividades da população. A grosso modo, podem-se distinguir 3 grandes grupos: os agricultores, que formam as camadas mais humildes da população mas também participam

da "elite" local junto com os principais comerciantes e alguns representantes de profissões liberais (juiz, professores, etc.) e funcionários. Entre estes dois pólos encontra-se o último grupo, intermediário mal definido entre o artesanato e o "setor" terciário inferior das grandes cidades.

A medida que vai sendo desenvolvida a urbanização, é este grupo, cuja composição e importância econômica ainda não foi bem estudada no Brasil, que vai se desenvolver e absorver o maior número de desocupados.

*Tabela n.º 8 = Profissão do Pai de Família e Última Residência
(escolas primárias e secundárias da cidade)*

Local de origem	CATEGORIA PROFISSIONAL						Número de respostas	
	Primária		"Intermediário"		Terciário			
S. Estêvão cidade	25,5º/o	11,8º/o	32,7º/o	19,8º/o	41,8º/o	16,9º/o	55	16,1º/o
S. Estêvão zona rural	37,8º/o	44,7º/o	21,1º/o	41,7º/o	34,1º/o	38,8º/o	135	39,6º/o
Outras cidades	15,2º/o	11,8º/o	32,6º/o	33,0º/o	52,2º/o	35,4º/o	92	27,6º/o
Outras zonas rurais	57,4º/o	23,7º/o	8,5º/o	4,4º/o	34,1º/o	11,7º/o	47	13,8º/o
Sem indicação	66,7º/o	7,8º/o	8,8º/o	1,1º/o	25,0º/o	2,2º/o	12	3,5º/o
Total	33,4º/o	100º/o	26,7º/o	100º/o	39,9º/o	100º/o	341	100,0º/o

O setor agrícola permanece o mais poderoso numericamente, enquanto que o grupo "interme-

diário" que reagrupa artesãos, motoristas, biscates, etc., ainda é pouco desenvolvido.

A população ativa de S. Estêvão mostra assim as primeiras tendências, ainda bem fracas, à "urbanização" das atividades, mas também destaca a importância da agricultura, que seria ainda mais importante se se considerassem apenas as camadas mais humildes da população.

III— ASPECTOS DAS MIGRAÇÕES

Elas foram estudadas essencialmente a partir da aplicação de questionários nas escolas urbanas e rurais. Na cidade, as escolas primárias e o curso ginásial (aberto em 1967) foram considerados.

1.º — ORIGEM DA POPULAÇÃO

As tabelas 11 e 12 indicam claramente a origem muito local da população presente na cidade.

A área de drenagem é fracamente extensa, se bem que a proporção dos alunos (48,7% no ginásio e 42,8% nas escolas primá-

rias) e, principalmente, dos pais (respectivamente 19,3% e 25,6%) nascidos na cidade seja reduzida. Considerando-se o número de pais de alunos nascidos na zona rural do município (e precisar-se-ia anexar os nascidos no município de Ipacaeté), 42,6% para os pais de alunos da escola primária e 42,1% para os da escola secundária, vê-se que o crescimento urbano da cidade está ligado ao deslocamento rural, na área mais próxima.

A última residência do chefe de família antes de S. Estêvão mostra, entretanto, que as migrações não são sempre simples transferência do campo para a cidade.

O fato de que 68,6% dos pais de alunos da escola primária e 52% dos da escola secundária tenham passado por uma residência urbana, poderia indicar uma certa seleção dos migrantes. Esta impressão só é parcialmente confirmada pelo estudo da profissão dos pais de família.

Tabela n. 9 — Origem dos Alunos

	S. Estêvão		Resto da micro-região		Resto do Estado da Bahia		Outros Estados	
	Cidade	Zona rural	Cidade	Zona rural	Cidade	Zona rural	Cidade	Zona rural
N.º pessoas	173	101	28	42	28	10	5	
Total	274		65		38		5	
%	71,7		17,0		10,0		1,8	

Tabela n. 10 – Origem dos Pais dos Alunos

	S. Estêvão		Municípios da micro-região de Feira		Resto do Estado da Bahia		Outros Estados		Sem indicação	
	C	ZR	C	ZR	C	ZR	C	ZR	C	ZR
N.º pessoas	176	324	58	85	62	22	15			22
Total	500		143		84		15		22	
%	65,4		18,7		11,0		2,0		2,9	

Tabela n. 11 – Última Residência do Chefe da Família antes de S. Estêvão

	S. Estêvão		Resto da micro-região		Resto do Estado		Outros Estados		Sem indicação	
	C	ZR	C	ZR	C	ZR	C	ZR	C	ZR
N.º pessoas	59	162	39	38	49	10	10			15
Total	221		77		59		10		15	
%	57,9		20,2		15,4		2,6			

S. Estêvão parece, entretanto, conseguir atrair certas "elites locais" ou alguns grandes proprietários agrícolas dos municípios vizinhos (Ipacaetá, Antônio Cardoso, Serra Prêta, etc.), apesar da presença de Feira de Sant'Ana. Parece que, no caso dos proprietários rurais, é a proximidade de S.

Estêvão das zonas rurais, sem que a cidade seja também muito longe de Feira de Sant'Ana, que determinou a escolha. Para os comerciantes e artesãos, é a existência do pequeno mercado que constituiu o município, onde é relativamente menos caro de se instalar do que em Feira de Sant'Ana.

Como elemento complementar de atração e de fixação, a abertura do curso secundário desempenhou um importante papel. E a proximidade de Feira de Sant'Ana permite utilizar as escolas desta sem que isto exija o deslocamento da família.

A data da chegada a S. Estêvão, quando fornecida, mostra que os pais dos alunos do curso secundário geralmente chegaram há mais tempo na cidade.

Estes dados indicam de uma parte que o crescimento de S. Estêvão é devido às migrações, o que é um fato banal no Brasil. Por outro lado, estas migrações são ainda, localizadas no espaço e a zona rural do município fornece um grande contingente de migrantes. É, entretanto, digno de nota que S. Estêvão exerça uma tal atração apesar da proximidade de Feira de Sant'Ana.

Tabela n. 12 - Data da Chegada dos Pais dos Alunos (%)

	Antes de 1930	30/34	35/39	40/44	45/49	50/54	55/59	60/64	65/68
Curso secundário	3,4	7,6	3,4	9,3	13,6	20,3	9,3	26,3	6,8
Curso primário	2,3	1,5	3,31	4,6	4,6	16,0	15,3	32,1	20,6

A importância do setor primário como atividade dos pais de família mostra que estas migrações correspondem a uma transferência de residência, mas, não de atividade, o que seria mais difícil em Feira de Sant'Ana.

Os movimentos da população não se fazem unicamente para a cidade, mas, também, partindo dela mesma. Os mesmos questionários aplicados nas escolas forneceram, igualmente, informações interessantes a este respeito.

2.º - A EMIGRAÇÃO

As respostas aos questionários mostram que o número médio de

filhos das famílias cujos pais nasceram na cidade de S. Estêvão é relativamente inferior àqueles cujos pais nasceram fora da cidade (5,8% por família quando o pai nasceu na zona rural de S. Estêvão, 7,4 quando vêm de outro município).

Sobre os 2.645 filhos indicados nos questionários, 313, i. e. 11,8%, estão fora de S. Estêvão. 266 respostas indicam a residência do irmão ou irmã que partiu. É provável que estas cifras estejam sensivelmente subestimadas, mas as tendências que elas indicam, confirmadas por entrevista na cidade, traduzem fielmente a realidade.

Tabela n. 13 — Residência do Irmão que Partiu de S. Estêvão
(Segundo a última residência do chefe da família)

	N.º total de filhos	N.º de emigrantes	º/º sobre o total	DESTINOS						
				Salvador	Feira de Sant'Ana	Est. do Centro Sul	Est. do NE Brasil	Munic. do Recôncavo	Munic. da zona Fisio. de F. Sant.	Resto da Bahia
Famílias cujo pai n/é migrante	579	26	4,5	12	4	8	0	0	0	2
Última residência do chefe da família Z. R. de S. Estêvão	1178	112	9,5	27	28	49	0	1	7	0
Última residência do chefe da fam. fora de S. Estêvão	892	133	14,3	45	38	15	1	9	8	17
Total	2649	271	10,2	84	70	72	1	10	15	19

Estas tabelas deixam ver 4 grandes correntes de migração. A mais importante se faz para Salvador, onde estão 32,6% das pessoas cuja nova residência é indicada. Feira de Sant'Ana vem logo após com 27,1% enquanto que o conjunto dos Estados do Sul acolheu 20,1% das pessoas que partiram (17,8% para S. Paulo e Rio).

Os questionários aplicados na zona rural mostram as mesmas ten-

dências, modificando-se um pouco as proporções das diferentes correntes.

Sobre 1.028 pessoas recenseadas sobre os questionários, 113, ou seja 11%, partiram. S. Paulo acolheu 33,6%, Feira de Sant'Ana 22,1%, Salvador 20,3% e a cidade de S. Estêvão 14,2%. As enquetes feitas na zona rural mostram, no entanto, que êstes movimentos, sobretudo em direção de S. Paulo, são

mais amplos que o que está indicado nos questionários. Um grande número dos rurais já fizeram ao menos uma estada, quando não várias, nos Estados do Sul da Federação.

Os questionários da zona urbana confirmam também esta maior mobilidade da população de origem rural, e mostram que é na família dos migrantes que a tendência à partida é maior.

Parece que se tem aí uma confirmação da hipótese que considera as pequenas cidades como etapas no caminho dos migrantes, onde elas intervêm como "filtros" ao poder de fixação mais ou menos intenso e durável. No momento, o movimento para S. Estêvão é largamente superior à corrente de saída da cidade. Daí este importante crescimento no decorrer dos últimos anos. Não há, entretanto, certeza de que a cidade possa aproveitar esta "chance", pois sua única função notável atual, o comércio, mostra mais sugestão em relação a Feira de Sant'Ana do que dinamismo.

O que foi dito, no início, das funções das cidades está, pois, confirmado pelo estudo da população.

CONCLUSÃO

De qualquer maneira que se considerem os aspectos principais da vida urbana de S. Estêvão encontra-se a presença de Feira de Sant'Ana. Assim, apesar da espécie de autonomia que lhe confere a importância das atividades ligadas à agricultura, a pe-

quena cidade é essencialmente, apenas um satélite da Capital do Sertão. O peso desta não se faz sentir apenas sobre a cidade mas também diretamente no campo, englobando ambos dentro de sua zona de domínio direto.

Esta influência é sensível em todos os níveis dos serviços. Reservando um leito no melhor hospital de Feira de Sant'Ana e contratando os serviços de um médico para aí comparecer uma vez por semana, a municipalidade de S. Estêvão segue apenas o exemplo das classes sócio-econômicas mais abastadas de sua população. Dos nove advogados que vêm mais frequentemente exercer a profissão em S. Estêvão, um único tem seu escritório na cidade, (e trabalha também em Castro Alves e Conde), assim como o promotor, funcionário público obrigado a residir na cidade onde exerce suas funções (mas que também trabalha em Ubaíra e, por sua própria conta, em Feira de Sant'Ana). Os demais têm seus escritórios em Feira de Sant'Ana. A maioria dos assuntos tratados concerne aos problemas de terra (títulos de propriedade, limites de terreno, inventários, etc.), outro elemento que põe em evidência a importância da vida rural para a população de S. Estêvão. Grande parte dos movimentos financeiros se faz por intermédio dos bancos de Feira de Sant'Ana e não pela agência do Banco Comercial do Nordeste, aberto na cidade em 1964.

A atração de Feira de Sant'Ana não se limita à utilização dos serviços superiores. A população das

pequenas cidades periféricas, como S. Estêvão, constitui igualmente uma clientela substancial do comércio, de melhor qualidade, mais variado, muitas vezes mais barato.

Esta tendência é muito mais nítida quando se trata de pessoas mais instruídas ou mais ricas, o que entretanto não é sinônimo. Salvador é procurada apenas por uma pequena minoria, que já viveu na Capital ou que aí tem família.

Em numerosos setores o comércio de Feira de Sant'Ana pode rivalizar com o de Salvador, sobretudo quando se trata de uma clientela relativamente pouco exigente. Em outros domínios, como, por exemplo, a conservação e reparação dos veículos automobilísticos, Feira de Sant'Ana oferece serviços de melhor qualidade e menos caro que a Capital do Estado.

A influência de Feira de Sant'Ana se traduz enfim pelo movimento da população que a cidade provoca. É provável que o parque industrial em via de instalação em Feira de Sant'Ana seja daqui a pouco um outro fator de atração.

As relações que S. Estêvão mantém com Feira de Sant'Ana são mais de uma cidade satélite do que de uma cidade *relais*. É pouco provável que elas se modifiquem a curto prazo ou médio prazo, mas é possível que a cidade possa ampliar e diversificar certas funções, o que lhe permitiria alcançar um passo decisivo para tornar-se uma aglomeração verdadeiramente urbana.

Entretanto, a decisão de dar início à "estrada do feijão" que vai ligar as principais zonas produtoras do Estado ao eixo rodoviário Rio-Bahia, a partir de Feira de Sant'Ana, prejudica estas pretensões. Perdida esta possibilidade, S. Estêvão só poderia continuar a desempenhar o seu papel de residência de proprietários rurais. Mas, num futuro a médio prazo, poderia também funcionar como cidade-dormitório para as indústrias em via de instalação em Feira de Sant'Ana.

S. Estêvão é suficientemente próxima de Feira de Sant'Ana para pretender desempenhar este papel, e suficientemente afastada para esperar a preservação de um certo grau de autonomia.

PASCAL MOTTI

N. do A. — Este trabalho, realizado através de uma bolsa da Comissão de Pesquisa da UFBA, foi redigido essencialmente a partir da análise das enquetes de campo feitas durante o ano de 1968. Participaram dessa fase do trabalho a Profa. Célia S. Peixoto e os estudantes Marla da Glória S. Peixoto, Irlene Maria P. Magnavita, Humberto Sacramento Sobrinho e Maria Sônia S. Fernandes.

1 Entre esses motivos, deve ser destacada a relativamente fraca densidade da população cuja atividade depende de uma agricultura ainda em grande parte tradicional ou pouco "povoadora" (criação e pecuária). A abertura de novas estradas, o desenvolvimento das regiões produtoras (de feijão, por exemplo) e o desenvolvimento industrial de Feira de Sant'Ana abrem novas perspectivas para um futuro a médio ou longo prazo.

2 *Divisão do Brasil em Micro-Regiões Homogêneas*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1968. v. 2.

3 *Censo Agrícola*, 1960. Rio de Janeiro, IBGE, 1967.

4 *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro, IBGE, 1958. v. 21.

5 Sobre as 19 sedes de municípios da MR, 6 possuem cada uma mais de 2% da população urbana, 4 mais de 1% e 5 menos de 0,5%.

6 Carvalho, Anna. Rítmicos e Intensidade da Urbanização no Estado da Bahia. *Boletim Baiano de Geografia*. Salvador, UFBA (4) mar. 1961. / 6a. Estimativa feita pelo IBGE.

7 *Censo Comercial e dos Serviços de 1960, Sergipe-Bahia*. Rio de Janeiro, IBGE, 1967. v. 4, T 5. O recenseamento não permite abstrair o que pertence às diferentes unidades que constituem o município.

8 Esses grossistas são, na sua maioria, agentes de compra de fumo.

9 *Censo Escolar*, 1964. Rio de Janeiro, IBGE, 1967.

10 Parece que há uma relação entre essa repartição e a força do comércio urbano. Em Santo Antônio de Jesus, cidade dinâmica de mais de 20.000 habitantes, mais de 85% dos produtos vendidos na feira (maior que a de S. Estêvão) são alimentícios. Em Mata de São João, cidade "dormitório" de Salvador, mais de 80%. No primeiro caso, a importante função comercial da cidade substitui a feira para o abastecimento da população rural e urbana em produtos manufaturados. No segundo caso, o comércio da cidade é pouco expressivo, mas é Salvador que intervém diretamente e monopoliza o abastecimento das populações rurais e urbanas para esse tipo de produto.

Outro fator, ligado ao primeiro, é a relação que aparece entre o percentual dos produtos alimentícios vendidos e o grau de "urbanização" da cidade. Quanto mais importante for a atividade rural e baixa a renda da população, maior será a venda de produtos manufaturados na feira, geralmente de má qualidade.

11 Trata-se de barracas onde são vendidas carnes grelhadas, bebidas alcoolizadas, etc.. Elas são um aspecto importante do papel social da feira.

12 Para retomar os exemplos precedentes, essa percentagem é, respectivamente, 69,7% e 67,6% em Mata de São João e S. Antônio de Jesus.

13 Essas percentagens representam o número de vezes que os produtos foram citados nas respostas aos questionários. São mais indicadores do que realmente quantitativos.

14 Idem

15 No dia da aplicação do questionário, feijão e milho vinham do Paraná, da bordura da Chapada Diamantina.

16 As estatísticas fornecem poucos elementos utilizáveis. A coletoria indica 51 casas abertas, enquanto que uma contagem sistemática (possível devido ao tamanho da cidade) encontra 100 estabelecimentos, dos quais, 20 quitandas e botecos.

17 Vide nota 13.

18 Idem

19 Trata-se de cidade no sentido administrativo. Pode também coesponder a uma verdadeira cidade como Salvador e Feira de Sant'Ana, ou a uma vila agrícola como Ipacaeté.

20 Na zona rural e suburbana, a média é de 7,7% dos filhos para as famílias cujo chefe nasceu no município e de 6,2% para as famílias migrantes. É, pois, o contrário que se observa na cidade. Não nos foi possível obter informações sobre a idade média dos chefes de família, o que poderia ser um elemento de explicação.

21 Antes do desenvolvimento da rede rodoviária, eram, principalmente, os advogados de Salvador que vinham trabalhar em S. Estêvão. O estado das estradas e seu traçado tiravam aos de Feira de Sant'Ana o benefício da proximidade.